

# DOSSIÊ BREXIT – Grã-Bretanha dividida em referendo desastroso “Brexit”

Fonte: [Solidarity](#) – 30/06/2016 – Tradução: Charles Rosa

Após uma campanha amarga e profundamente reacionária, a Grã-Bretanha votou a favor de uma saída da UE de 52% a 48% em 23 de Junho. O líder do Partido da Independência do Reino Unido (UKIP), Nigel Farage, celebra a sua vitória juntamente com os seus amigos da ala eurocética de direita dura do Partido Conservador. Os seus amigos de extrema-direita em toda a Europa, desde Marine le Pen em França, Geert Wilders nos Países Baixos e pessoas semelhantes na Alemanha, Áustria, Itália e outros países, estão a esfregar as mãos de alegria enquanto tentam descobrir a melhor forma de capitalizar este triunfo. O primeiro-ministro conservador David Cameron demitiu-se a partir do Outono e será o seu sucessor – quase certamente o proeminente “Brexiter” Boris Johnson – o responsável por liderar as negociações de divórcio com a UE. Aqueles que estão agora na ascendência no Partido Conservador estão ainda mais à direita que a liderança derrotada de Cameron.

A taxa de participação foi elevada (72,1%), apesar das chuvas torrenciais em partes das ilhas – mais elevadas do que em qualquer eleição geral desde 1997 (quando foi de 77,7%). O resultado mostra uma Grã-Bretanha profundamente dividida. Mais de 70% das pessoas com menos de 30 anos que votaram permanecem no país. A Escócia e a Irlanda do Norte continuam a votar, embora a taxa de participação na Escócia, 67,2, tenha sido inferior à média e muito inferior à do referendo de 2014 sobre a independência da Escócia, em que a taxa de participação foi de 84,6%. As implicações constitucionais destas diferenças ainda não são totalmente claras, mas a Primeira-Ministra

escocesa, Nicola Sturgeon, afirmou que um segundo referendo sobre a independência escocesa é agora muito provável.

O País de Gales, onde os Trabalhistas tomaram os seus apoiantes como garantidos durante décadas e onde, mesmo depois da eleição do líder de esquerda Jeremy Corbyn no Verão passado, pouco mudou em termos dessa abordagem, votou a favor da sua saída. Na Inglaterra, o padrão variou, mas, por exemplo, no Noroeste, as grandes cidades de Liverpool e Manchester votaram, mas as cidades mais pequenas votaram a favor da saída. A classe trabalhadora e os partidários tradicionais do Partido Trabalhista ficam profundamente divididos. O centro da política britânica, que se deslocou dramaticamente para a esquerda quando Jeremy Corbyn foi eleito no ano passado, passou agora perigosamente para a direita.

Não se tratou de um referendo escolhido pela esquerda, mas de uma concessão feita por David Cameron à ala eurocética do seu próprio partido. Sempre ficou claro que o debate seria dominado por dois campos reacionários ladrando um contra o outros: como o Secretário Geral da União dos Bombeiros, Matt Wrack, apontou, entre pessoas discutindo se poderiam explorar os trabalhadores mais efetivamente ao permanecer na União Européia ou ao sair dela.

O referendo foi sempre um carnaval reacionário. A questão que prevaleceu no debate foi o que fazer em relação à imigração. As proclamações racistas dos principais políticos enchiam a atmosfera e raramente eram respondidas pelos jornalistas. Em termos do que é considerado “aceitável” em relação ao racismo, a atmosfera era semelhante à do Reino Unido em 1966: não 50 anos depois. Foi retratado que são os migrantes – e não as políticas de direita do Governo britânico – os responsáveis por tudo, desde o desemprego aos baixos salários e à degradação dos serviços públicos. A velha tática de dividir e conquistar foi usada com extrema eficiência.

Uma semana antes do referendo, a natureza tóxica deste debate

tornou-se evidente quando a deputada trabalhista Jo Cox, uma das principais defensores da “permanência” e uma apaixonada ativista dos direitos dos refugiados, foi abatida no seu círculo eleitoral de Yorkshire. Seu assassino, um homem com uma longa história em organizações de extrema-direita, gritou “Grã-Bretanha Primeiro!” quando ele brutalmente a atacou; um slogan que não é apenas o nome de uma organização de extrema-direita, mas tem sido um dos slogans dos apoiadores do Brexit.

E enquanto a direita se concentrou nela e usou a questão da imigração para superar o preconceito, ela também mostrou outros ângulos de seu populismo. Foi dada muita ênfase ao enorme custo para o Reino Unido dos orçamentos da União Europeia, utilizando números falsos e informações parciais. Um valor utilizado de forma particularmente cínica foi a alegação de que os 350 milhões de libras esterlinas supostamente gastos na UE poderiam ser utilizados para o Serviço Nacional de Saúde. E assim dizem aqueles que promoveram a privatização e a redução de fundos para este serviço vital. O estilo e ponto de vista de Donald Trump não está muito longe do que estas pessoas.

Muitas pessoas que fizeram campanha a favor da permanência não o fizeram porque não tinham ilusões na UE ou nas suas instituições; é evidente que se trata de um clube de elite. De fato, com David Cameron e o antigo líder da ala direita do Partido Trabalhista, Tony Blair, advogando a permanência, também não mostraram muita vontade de ser a favor dela. Como afirma a declaração de Socialist Resistance, a razão era diferente: “Neste momento e desta forma, uma saída da UE fará com que a situação política na Grã-Bretanha se vire acentuadamente para a direita e enfraqueça a luta contra a austeridade. Será também uma catástrofe para os imigrantes, refugiados e minorias no país.”

Muitos de nós que trabalhamos para a permanência acreditávamos, e continuamos a acreditar, que esta era uma decisão tática: como melhor defender as lutas dos

trabalhadores e trabalhadoras na Grã-Bretanha, e internacionalmente, o que, evidentemente, inclui os imigrantes?

Estávamos e continuamos preocupados com o impacto que o voto a favor da saída terá sobre os milhares de pessoas de outros países europeus que vivem na Grã-Bretanha e que, sem dúvida, estão agora preocupadas com o seu futuro. A maioria dos cidadãos da UE no Reino Unido não tem direito de voto, a menos que provenham de países da Commonwealth, nomeadamente de Chipre, Malta e Irlanda. O racismo que tem sido desenfreado durante estes meses de campanha terá também efeitos a longo prazo sobre os imigrantes, onde quer que se encontrem. Algumas das principais correntes a favor da partida cortejaram pessoas das antigas colônias britânicas na Ásia, dizendo-lhes cinicamente como a Fortaleza Europa as discrimina (o que de resto é verdade) e que, se a Grã-Bretanha deixasse a UE, poderia permitir a entrada de mais migrantes de outros países. Mas o que se pretende são vedações mais altas nas fronteiras, bem como bodes expiatórios para as pessoas cujas famílias vivem na Grã-Bretanha há gerações.

Como diz a declaração da Left Unity: *“Apelamos àqueles que rejeitam este giro desastroso na política britânica para que se unam para se opor ao racismo, defender os direitos dos imigrantes e lutar para proteger e ampliar os direitos dos trabalhadores que estão agora ameaçados. Rejeitamos o método “dividir para reinar” de nossa classe dominante, que coloca os trabalhadores uns contra os outros, de onde quer que venham, e coloca uma comunidade contra a outra. Os problemas com que somos confrontados são o resultado de políticas de classe, neoliberais, desreguladoras, anti-trabalhadoras e impostas por sucessivos governos britânicos; não existem por causa dos imigrantes e refugiados: os nossos colegas trabalhadores. Tivemos a honra de partilhar esta posição com a liderança do Partido Trabalhista, o TUC e a esmagadora maioria dos sindicatos e vamos trabalhar em conjunto para fazer avançar*

*estes princípios.”*

Doravante, para a esquerda britânica, frequentemente afastada dos desenvolvimentos políticos noutras partes do continente, será crucial redobrar os seus esforços para reforçar os seus laços de solidariedade em todo o continente. No futuro imediato, prestar atenção às eleições no Estado espanhol para mostrar que estamos unidos.